

Vender palavras com capas

Senti vergonha no dia em que percebi que o mundo era uma farsa e que eu apareci com o meu próprio rosto.

Franz Kafka

A minha mãe ajudou-me a escolher a roupa – um par de calças pretas e uma camisa branca. Sapatos pretos. «Se queres vender livros, tens de estar apresentável», disse-me enfaticamente. Cumprí com tanto rigor as suas ordens que essa indumentária se tornou uma espécie de farda oficial. Na verdade, aquela era a minha melhor roupa.

Levava na minha pasta vários panfletos, dois exemplares de *A Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, contratos de compra e duas esferográficas, caso uma falhasse.

Eu não gostava daquela atividade. Preferia o remanso da nossa casa após um dia na escola. Mas os nossos recursos económicos eram escassos. Se eu queria alguma liberdade económica para as minhas pequenas extravagâncias de jovem, tinha de trabalhar.

Saía pela tardinha. As ruas escureciam. O objetivo era encontrar as pessoas em casa. Nos fins de semana, sobretudo aos sábados, começava a minha atividade mais cedo.

Nessa tarde, comecei pelo bairro de Alvalade, uma área de classe média alta de Luanda.

Numa das moradias, ao tocar à campainha, apareceu um sujeito de barba, alto, de meia-



CIRCUNSTÂNCIAS

Eduardo Bettencourt Pinto

-idade, o olhar atravessado por uma nuvem de curiosidade e sisudez.

— Estou prestes a sair para o cinema, mas entra. Dou-te dois minutos para explicares ao que vens — disse.

O tom, pouco amigável, não me agradou. Fchei o portão de ferro e avancei com a sensação de me dirigir a um tribunal.

Na sala, ampla e cheia de plantas, uma estante de madeira escura com livros dominava, com solenidade, uma das paredes. Pareceu-me haver ali uma boa perspectiva de venda.

O meu juiz, um homem de posses, ereto e com solenidade de estátua, indicou-me o sofá de couro com uma mão muito branca e autoritária. Foi uma ordem, não um gesto amigável de acolhimento.

Pouco à vontade, fiz a minha apresentação o mais rapidamente possível. Ele ouviu-me com ar *nonchalant*, recostado no cadeirão, sustentando uma pose de imperador afetado, pernas cruzadas e um dedo inquieto ponteando a barba grisalha, como se fosse um instrumento musical de cordas. Estendi-lhe um exemplar da enciclopé-

dia. Ignorou-o. Coloquei o livro na pasta, dobrei os panfletos e arrumei-os.

— Acabaste? — disse, consultando o relógio. — O que trazes aí não me interessa. Tenho livros que bastam —, sentenciou.

— Por tua culpa, perdi o filme — disse, agastado.

Ergueu-se com a solidez de um patriarca inquestionável. Acompanhou-me à porta enquanto meneava a cabeça e a eloquência despótica. Fechou a porta com uma autoridade sonora e inquestionável.

Tropecei no escuro da rua com passos indecisos. Os candeeiros já iluminavam os passeios. Saí irritado. Tinha recebido a maior lição de arrogância de toda a minha vida. Vender livros era, afinal, tão abominável quanto roubar um banco?

Apressei-me. Ainda não tinha jantado e enfrentava uma caminhada de quase uma hora até casa.

Hoje, ao relatar isso, reparo ao meu redor. Também tenho muitos livros. Eles dão cor às minhas paredes, volume e majestade. Não os tenho por ostentação; acompanham-me a cada dia. Agradeço a quem os escreve, a quem os vende e a quem os distribui. Hoje e sempre, e sem culpar ninguém pelo meu abandono e pela minha imensa curiosidade pelo mundo que descobrimos entre o silêncio das palavras entre capas.

Peter Francisco: o português de raízes açorianas que ajudou a forjar a liberdade dos Estados Unidos



CRÓNICA DE DANIEL BASTOS

A história das nações faz-se de datas, tratados e batalhas, mas também — e sobretudo — de homens que, pela força do seu carácter e das suas ações, transcendem o tempo e se tornam símbolos. Entre essas figuras ergue-se, com particular singularidade, Pedro Francisco, ou Peter Francisco, o açoriano que a memória americana consagrou como “o Gigante da Virgínia” e “o Hércules da Revolução”.

Nascido a 9 de julho de 1760, na freguesia de Porto Judeu, na ilha Terceira, o seu percurso de vida parece saído de uma narrativa épica. Raptado ainda criança por corsários e abandonado na costa da América do Norte, Pedro Francisco foi lançado, de forma abrupta e violenta, no grande fluxo da diáspora portuguesa — uma diáspora que, ao longo dos séculos, tantas vezes se fez de partida involuntária, de desenraizamento e de reinvenção. Acolhido posteriormente pelo juiz Anthony Winston, na Virgínia, viria a crescer num contexto que moldaria o seu destino e o ligaria, de forma indelével, à história fundacional dos Estados Unidos da América.

Quando, em 1775, rebentou a Guerra da Independência entre as treze colónias e a Coroa britânica, Pedro Francisco não hesitou. Alistou-se no 10.º Regimento da Virgínia, integrando as forças lideradas por George Washington.

A sua estatura física impressionante — mais de dois metros de altura e cerca de cem quilos — rapidamente se tornou lendária, mas foi sobretudo a sua coragem em combate que o destacou. Participou em diversas batalhas decisivas, protagonizando feitos de bravura que a tradição histórica e popular amplificou, transformando-o numa figura quase mítica da Revolução Americana.

O reconhecimento da independência dos Estados Unidos, consagrado em 1783, assinalou não apenas o triunfo político de uma nova nação, mas também a afirmação de princípios universais — o direito à liberdade, à segurança e à busca da felicidade — que ecoariam muito para além do espaço americano. Nesse processo, a presença de Peter Francisco simboliza algo maior: a participação ativa de homens de origens diversas, incluindo portugueses, na construção de um ideal de emancipação que viria a marcar a contemporaneidade.

A sua história inscreve-se, assim, numa narrativa mais ampla: a da diáspora portuguesa. Desde os primeiros tempos da expansão marítima até às comunidades contemporâneas espalhadas pelo mundo, os portugueses têm sido agentes de ligação entre culturas, construtores de pontes e protagonistas discretos de processos históricos decisivos. Nos Estados Unidos, essa presença consolidou-se ao longo de gerações, contribuindo para o desenvolvimento económico, social e cultural do país, ao mesmo tempo que preservava traços identitários profundamente enraizados.

Pedro Francisco surge, neste contexto, como uma figura matricial — não apenas pelo seu heroísmo individual, mas pelo que representa: a capacidade de integração sem perda de identida-

de, a afirmação do mérito num espaço novo e a projeção de valores que atravessam fronteiras. A sua memória permanece viva como testemunho de que a história da América também se fez com contributos portugueses, muitas vezes invisíveis, mas decisivos.

Hoje, ao olhar para o percurso das comunidades portuguesas nos Estados Unidos, reconhece-se a continuidade desse legado. Empresários, académicos, artistas, trabalhadores de múltiplos sectores — todos eles prolongam, de forma distinta, a presença portuguesa naquele país. A diáspora deixou de ser apenas um fenómeno de necessidade para se tornar também um espaço de afirmação e de influência, onde Portugal se projeta através dos seus cidadãos.

Num mundo cada vez mais interligado, essa dimensão ganha nova relevância. A valorização das raízes, aliada à capacidade de adaptação, constitui uma mais-valia estratégica. Figuras como Peter Francisco ajudam a consolidar uma narrativa identitária positiva, capaz de reforçar os laços entre Portugal e as suas comunidades no exterior, ao mesmo tempo que contribuem para a afirmação internacional do país.

Recordar Pedro Francisco é, portanto, mais do que visitar um episódio da história americana. É reconhecer a profundidade e a longevidade da presença portuguesa no mundo. É perceber que, mesmo nas circunstâncias mais adversas, há trajetórias que se erguem acima do comum e se tornam exemplares. E é, sobretudo, afirmar que o passado da diáspora não é apenas memória — é também fundamento para o presente e inspiração para o futuro.